

A solidariedade como expressão da koinonía

Solidarity as an expression of koinonía

Resumo

A carta de Paulo à comunidade cristã em Filipos está perpassada com o tema e as experiências da comunhão que se expressa em várias formas de solidariedade. A busca por compreender koinonía como solidariedade parte da pergunta por seu significado e suas ligações com outros termos que igualmente perpassam a carta, como p.ex. fronên, que remete para relações de unidade na diversidade. A pesquisa é documental-bibliográfica qualitativa e se desdobra em análise temática e exegética. A hipótese é que a carta trata de experiências solidárias para com Paulo, que enfrenta uma série de sofrimentos e necessidades por causa da prisão, a fim de que ele tenha suporte para superar essa situação, resistindo e reexistindo na sua práxis missionária. Essa prática de cuidado e ajuda baseia na compreensão de koinonía como comunhão com Deus, com os sofrimentos de Jesus e em favor do Evangelho, expressando-se com ações solidárias. O desafio está em estender essa comunhão para além dos muros da igreja, e reconhecer que solidariedade nem sempre tem sido ação testemunhal da igreja, mas que está presente também em ações de outras organizações socioculturais.

Palavras-Chave: Comunhão; Solidariedade; Filipenses; Paulo; Mulheres Líderes.

Abstract

Paul's letter to the Christian community in Philippi is permeated with the theme and experiences of communion that is expressed in various forms of solidarity. The search to understand koinonia as solidarity starts from the question of its meaning and its connections with other terms that also permeate the letter, such as fronên, which refers to relationships of unity in diversity. The research is qualitative documentary-bibliographical and involves thematic and exegetical analysis. The hypothesis is that the letter deals with experiences of solidarity with Paul, who faces a series of suffering and needs due to prison, so that he has support to overcome this situation, resisting and re-existing in his missionary praxis. This practice of care and help is based on the understanding of koinonia as communion with God, with the sufferings of Jesus and in favor of the Gospel, expressed through solidarity actions. The challenge is to extend this communion beyond the walls of the church and recognize that solidarity has not always been a testimonial action of the church but is also present in **the actions of other sociocultural organizations.**

¹ Graduada em Teologia (Faculdades EST - São Leopoldo), doutora em Ciências da Religião/Teologia (Universität Kassel), com pós-doutorado em Ciências Humanas (Universidade Federal de Santa Catarina). Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PUC Goiás). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa Religião, Gênero e Poder. Bolsista Produtividade CNPq. E-mail: ivonirr@gmail.com

Keywords: Communion; Solidarity; Philippians; Paul; Women Leaders.

Adentrando a Temática

Vivemos num mundo e num tempo em que a solidariedade está sendo criminalizada, como sucede com o Movimento Sem Terra, no Brasil, que é vilipendiado, desacreditado e ameaçado, quando realiza ações solidárias em benefício de gente necessitada, ajuda essa que é fruto do trabalho nos assentamentos da Reforma Agrária, como durante a pandemia de COVID e por ocasião de enchentes ocorridas no Brasil, em final de 2023, bem como enviou toneladas de alimentos à Palestina por causa da guerra². Há, portanto, gente que pratica solidariedade e se coloca em comunhão com grande parte de um grande corpo sociocultural imensamente marcado por sofrimento, injustiça e desigualdade.

Diante disso, a carta de Paulo à comunidade em Filipos desafia a refletir, a considerar e a revisar criticamente a relação entre a confissão de fé e a práxis dessa fé, em qualquer religião, de forma pessoal e institucional. Igualmente é necessário perceber se Paulo, quando se dirige a comunidades cristãs e quando solicita ajuda de ‘ações de graça’ como expressão de comunhão solidária, tem em vista uma ajuda entre pessoas e comunidades cristãs, como no caso da ‘coleta para Jerusalém’ e outras comunidades (1Co 16,1-4; 2Co 8-9; Rm 15,26-28.31; At 11,27-30), ou se essa pode ser ampliada ecumenicamente. Esse desafio permanece, e a partir dos estudos feitos nesse número de RIBLA, pode ser motivo para reflexões e ações comunitário-religiosas e sócio-organizacionais.

Vejam, aqui, como a comunidade cristã em Filipos, em meados do século I, buscou viver esse desafio. Disso, podemos receber impulsos para uma práxis em nossos lugares de vida, comunhão e trabalho.

A igreja em Filipos está organizada comunitariamente, sendo que as pessoas realizam várias funções a serviço do Evangelho de Jesus Cristo, no qual estão fundamentadas. Tendo como centro esse Evangelho, a diaconia e a liderança episcopal (epískopoi kai diáconoi) não hierarquizadas revelam que essa comunidade é um corpo composto por pessoas santas, irmanadas de forma igualitária (1,1), uma comunidade de pessoas igualadas por meio da fé em Cristo Jesus e na comunhão do Espírito Santo (2,1) para glória e louvor de Deus (1,11). A carta permite perceber a ternura, o cuidado e o fiel compromisso como expressão do amor testemunhado pela comunidade em favor do apóstolo em suas atividades missionárias, “desde o início até agora” (1,5.7; 4,10-20). A esse corpo-comunidade Paulo e Timóteo se dirigem com gratidão e alegria, certificando constante oração em favor dela, por causa da comunhão-koinonía vivenciada (1,5). Para ilustrar esse testemunho de comunhão experimentada “desde o início”, podemos recorrer à narrativa memorial de Atos 16, que apresenta a origem da ekklesia em Filipos a partir do contato missionário de Paulo e Silas na sinagoga de mulheres

² Remeto a vasto material de notícias e debates, em Richter Reimer (2023); UOL São Paulo (2023).

naquela colônia romana. A comunidade que se formou a partir dali passou a reunir-se e a se organizar na casa de Lídia, líder sociocultural e eclesial, e ajudou a superar conflitos religiosos, econômicos e militares, possibilitando o desenvolvimento da igreja em Filipos.³ É verossímil e historicamente defensável que ela e outras mulheres tivessem exercido a função episcopal, diaconal e missionária, aludidas na carta à comunidade, após a fundação da comunidade e antes da escrita de Atos dos Apóstolos⁴, como no caso de Evódia e Síntique (Fp 4,2-3).

O destaque que Paulo e Timóteo dão à questão da *koinonía* chama a atenção, também porque ela está vinculada à confissão de fé, que é o pressuposto para a organização da comunidade inclusive em termos de participação e cooperação econômicas para amainar necessidades de outras pessoas. Nesse sentido, é preciso considerar que essa comunidade foi criada a partir de experiências e vivências da cultura judaica dentro de um contexto gentílico-romano, sendo que tanto os missionários Paulo, Timóteo e Silas quanto o grupo de mulheres trabalhadoras em torno de Lídia pertenciam ao judaísmo, seja por nascimento ou por adesão. Dessa forma, conheciam os valores e a ética da reciprocidade, do cuidado para com as pessoas vulnerabilizadas⁵ e da acolhida de pessoas de diferentes classes, etnias e gênero.

Contudo, não é necessariamente apenas essa expressão religiosa judaica que fundamentava a prática da partilha e da ajuda mútua. Ela também era comum em outras religiões e organizações sociais e profissionais, vivenciadas em *collegia* - associações ou cooperativas - que atendiam às necessidades e aos interesses de seus membros, homens e mulheres ligados por meio da profissão que exerciam e da religião que praticavam nesses grupos também itinerantes, a qual muitas vezes era sincrética (Richter Reimer, 2022; Schattenmann, 2000, pp. 377-378). É importante ressaltar isso, porque o grupo de mulheres nos inícios da igreja em Filipos era oriundo de outra região, portanto, migrante, de outra etnia e tinha experiências religiosas, profissionais e socioculturais que podem ser entendidas no contexto global dessas corporações. Assim, é possível que também antes da adesão ao judaísmo (tementes a Deus), essas mulheres tinham e realizavam comunhão a partir de outras realidades e experiências socioculturais, portanto, também religiosas. Assim, a *koinonía* parece perpassar as relações em organizações sociais existentes no início do cristianismo, também em Filipos. Aqui, agora, como igreja cristã que se formou a partir da diversidade étnica e sociocultural, sua *koinonía* experimentada e praticada se fundamenta

³ Acerca dessa narrativa e o protagonismo de Lídia em termos religiosos, profissionais, socioculturais e políticos, ver Richter Reimer (2001[1989]; 2022); acerca da sinagoga de mulheres, ver Richter Reimer; Reimer (2022), com ampla literatura e fontes. Na exegese e hermenêutica internacionais, essa investigação foi acolhida por muitos homens e mulheres, como p.ex., Schottroff (2008); Stegemann; Stegemann (2004); Maloney; Richter Reimer (2022), entre outras.

⁴ Sobre mulheres episcopas e líderes de comunidades, ver Richter Reimer (2016, p. 124-130); Schottroff (2008); Crüsemann; Richter Reimer (2016).

⁵ Ver sobre a tradição do cuidado em relação a vulneráveis em Reimer; Richter Reimer (2011).

no “meu Deus” (1,3; 4,19) por meio da misericórdia e da graça de Jesus Cristo (1,8; 4,23), compartilhada entre membros diversos de um corpo uno - *ekklesia*.

Assim, a pergunta que se coloca é: o que pode significar essa *koinonía* concretamente? O que é ser *koinonós*, *synkoinonós*? Será que podemos compreender esses termos e o que expressam como solidariedade, haja vista que não há um termo grego específico para essa nossa palavra? E em que consistiria essa comunhão-solidariedade e a quem contemplava? Tratava-se de uma forma de ajuda intracomunitária e intercomunitária? Quais eram argumentos fortes para fundamentar essa ajuda solidária? Vejamos alguns elementos presentes na carta e que podem ajudar na busca de respostas.

***Koinonía*-comunidade participativa**

A carta pode ser uma compilação de três cartas enviadas por Paulo à comunidade em Filipos. Em sua base estariam três partes: Carta A (mais antiga – 4,10-20); Carta B (1,1-3,1a; 4,2-7.21-23); Carta C (a última – 3,1b-4,1.8-9)⁶. Considerando-a como uma unidade coesa ou como compilação final de três cartas enviadas a partir da mesma situação de prisão de Paulo⁷, o fato é que a *koinonía* perpassa nevrálgicamente todas as partes da carta. Seguem alguns tópicos específicos.

Na saudação inicial estão colocados os temas centrais a serem desenvolvidos na carta, e apresentam a profunda relação afetiva entre o grupo missionário e a comunidade. O pressuposto é que, pela fé, toda a comunidade participa da graça de Deus e assim entra, junto com Paulo, na comunhão plena (1,7). A comunidade, com cada um de seus membros, forma um corpo-comunhão com Deus e entre si, como pessoas iguais pela fé, mas que preservam suas diferenças. Irmanadas pela fé, as pessoas tornam-se *synkoinonoi* “co-participantes” da graça anunciada por meio do Evangelho. Temos assim a manifestação da unidade-comunhão na diversidade. Como, porém, poderia funcionar algo tão paradoxal? O que se esperava de tais pessoas que comungavam da mesma fé, em resposta à graça recebida? Talvez possamos desenvolver essa questão, tratando de temas correlacionados na carta, como o desafio e a experiência da união e da participação em projetos comuns.

⁶ Maiores detalhes e discussão ver Barth (1983); Simon (1984); Comblin (1985). Essa hipótese, contudo, não é consensual, como já explicitado por Dibelius (1925), que realizou uma minuciosa exegese da carta, inclusive de forma interdisciplinar, apresentando uma série de inscrições para compreender a carta em seu contexto sociocultural.

⁷ A discussão sobre lugar e datação da carta também não é consensual. Com base nos comentários citados anteriormente, penso que Éfeso tem maior probabilidade por causa de sua maior proximidade de Filipos, ao contrário de Roma ou Cesareia, e porque ali Paulo permaneceu alguns anos, também como prisioneiro. Outro argumento forte em favor de Éfeso se dá a partir da constatação de que lá havia *collegia lib(ertorum) et servorum domini n(ostri) Aug(usti) i(n)fra s(c)ripta* (Wood, 1877, N. 20, p. 18 da Parte VII Apêndice - Inscrições Tumbares), portanto, corporações de pessoas escravas e libertas da casa do imperador, como mencionado por Paulo, em 4,22.

Os termos gregos derivados de *koinón* “comum” aparecem na introdução da carta e têm a ver com o tema da comunhão que perpassa a mesma: *koinonía* (1,5; 2,1; 3,10), *synkoinonós* (1,7); *synkoinonêin* (4,14), *koinonêin* (4,15)⁸. Esse tema indica para a importância de ter algo em comum, ser companheira e companheiro, (com)partilhar, fazer comunhão no cotidiano da vida e da comunidade, construir e preservar relações de união e unidade, ter parcerias e participar ativamente da comunidade (Cf. At 2,42). Junto com esse termo estão vinculados outros temas e termos centrais, como orações e ações de graça concretas em benefício de pessoas necessitadas e da causa missionária, ações essas que são entendidas como fruto da justiça e do amor (1,9.11) e que se tornam possíveis e realizáveis por meio da fé em Jesus Cristo para glória e louvor de Deus. É sobre a base da fé e da graça que a comunhão se faz tão significativa e forte que, em meio a situações de prisão, perseguição, pobreza e fome, ela consegue vencer o medo e fortalecer pessoas a permanecerem fiéis e continuarem a anunciar o Evangelho (1,12-16; 4,11.14.16). A perseverança nesse anúncio no contexto de tais condições testifica acerca do amor de Deus que se manifesta comunitariamente.

A comunhão, que se dá dentro de uma relação de unidade na diversidade, é manifestação profunda de pertencimento e coesão identitária, que se expressa de várias formas, mas aqui destaca-se como solidariedade que se baseia na necessidade e na carência de outra gente e que, por isso mesmo, torna-se a mais autêntica expressão da graça e da gratuidade. Trata-se de doação que está comprometida com a origem e o alvo da fé que se professa, concretização - mesmo que parcial - do Evangelho que é a presença viva de Jesus Cristo. É ação-oração que contribui para amenizar o dilema de muitas pessoas como Paulo, ajudando-as a não desistirem, mas a resistir e a reexistir (1,23-26).

Essa comunhão comprometida, baseada em Deus e estendida para as pessoas necessitadas, é capaz de promover unidade e sentimento de pertencimento e de coesão, que também são expressos como firmeza “num só Espírito e numa só alma” na luta pela “fé conforme o Evangelho” (1,27; Cf. At 2,42-47; 4,32-35). Vejamos algumas menções dessa solidariedade-comunhão.

***Koinonía* em favor do evangelho (1,5)**

O uso do termo *koinonía* junto com a preposição *eis* seguida do acusativo *tó euanguélion* chama atenção, também porque é a primeira vez que ele é usado na carta. Paulo rende graças a Deus “por causa da vossa *koinonía* em favor do Evangelho desde o primeiro dia até agora”. Objeto e alvo da comunhão comunitária é o Evangelho, sendo esse o fundamento para quaisquer ações de partilha

⁸ Importante observar que os termos *koinonía*, *koinonêin*, *synkoinonós* aparecem apenas nas cartas, principalmente paulinas e em At 2,42; *koinonós* também aparece em Mt 23,30 e Lc 5,10 no sentido de participar de algo, ter parceria com alguém. Ver também Schattenmann (2000, p. 379).

e solidariedade. O que Paulo expressou com essas palavras? Ora, diretamente o Evangelho não pode usufruir de alguma parceria ou de algum ato solidário, mas ele recebe suporte efetivo e afetivo por meio da cooperação e da sustentação para com quem o anuncia, no caso, Paulo. Isto implica que Paulo se refere a ajudas recebidas, que lhe possibilitaram realizar seu trabalho missionário em conjunto com seus parceiros e parceiras, que tinham por base o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo. Que ajudas teriam sido essas?

São várias as menções que ele faz nas cartas acerca de cooperação recebida em forma de dinheiro, alimento, talvez remédios, roupas e hospedagem, a fim de suprir suas necessidades e, assim, perseverar no anúncio do Evangelho. Aqui, explicitamente Paulo tem esperança de receber ajuda da comunidade e por isso envia Epafrodito, “meu irmão, colaborador nos trabalhos (*synergón*) e companheiro de lutas (*systratiôtes*)” (2,25), que serviu ao Evangelho, e acrescenta que ele suprirá “a vossa necessidade de prestar serviço em favor de mim” (2,30). O termo *hystérema* se refere à comunidade, sendo ela que sente falta de ajudar Paulo, e Epafrodito será o mensageiro para Paulo ou o intermediário entre Paulo e a comunidade. Paulo vai tecendo seu argumento para obter ajuda solidária, que tem em 4,15.17 sua explicitação: a comunidade está em débito para com Paulo, que a tornou co-participante (*synkoinonós*) da graça de Jesus Cristo por meio da missão, do anúncio do Evangelho. Aqui em 2,30, o termo *leiturguía* significa serviço comunitário, que se expressa em forma de comida, dinheiro e coisas necessárias para socorrer alguém em situação de vulnerabilidade, que também era realizada por organizações sociais¹⁰; simultaneamente também indica para um serviço prestado a Deus por meio dessa ação solidária que vem como resposta à graça recebida.

A ajuda solidária que Paulo esperava receber tem resposta positiva, expressa em 4,10-19¹¹. Aliás, aqui se evidencia que a escrita da carta não foi feita de um fôlego só, mas aos poucos, porque lá, Epafrodito seria enviado para Filipos; aqui, ele trouxe a ajuda solidária. E Paulo atesta sua grande alegria “no Senhor, porque uma vez mais renovastes a meu favor o cuidar, pois também cuidastes [antes], mas [num ínterim] não tivestes oportunidade” (4,10). Com o

⁹ Termo utilizado apenas aqui e em Fm 2, que tem origem na prática militar romana. Paulo ressignifica o termo para uma prática pacífica de evangelização. É muito significativo que ele utiliza o termo nessa carta dirigida à igreja em Filipos, colônia romana (ver At 16,16ss), invertendo a função e o sentido do mesmo, de violência manifesta em guerras, em prisões e em intervenção militar para o trabalho missionário não violento, que tem por objetivo a construção de relações de graça e paz que procedem de Deus (1,2).

¹⁰ O termo grego *leiturguía* é composto por *laós* “povo” e *érgon* “trabalho” e significa basicamente “serviço para o povo”, para a coletividade, sendo um termo político-jurídico, usado também para referir-se a serviços públicos. No Antigo Testamento, era usado para designar o serviço sacerdotal no templo em favor do povo, expressando a relação entre Deus e o seu povo. No Novo Testamento, é usado no sentido ritual-sagrado, bem como para caracterizar o “serviço amoroso na coleta para Jerusalém”, podendo expressar simultaneamente um “serviço religioso para Deus” (Hess, 2000, p. 2350).

¹¹ Se tomarmos a hipótese das três cartas como referência, então a dinâmica é que Paulo recebeu ajuda (4,10-19), Epafrodito está com ele, adoece e Paulo quer enviá-lo de volta a Filipos (2,25-30).

envio de Epafrodito, a comunidade teve a oportunidade de realizar esse cuidado solidário, que precisou da atuação conjunta e unida.

É quando Paulo recebe essa ajuda que ele também elenca uma série de situações nas quais ele recebeu ajuda daquela comunidade: pobreza, necessidade, escassez (*hystéresin*), humilhação (*tapéinusin*), tribulação/aflição (*thlipsis*), passar fome (*peinân*), ter necessidades materiais (*chrêia*). Nesse contexto, Paulo faz memória do início do Evangelho em Filipos, quando andou pela Macedônia, e já então aquela igreja que teve sua origem com o grupo de mulheres junto com Lídia foi a única a cooperar (*koinonêin*) com ele, o que foi lançado em uma “conta de haver e dever” (4,15). Essa expressão *eis lógon dóseos kai lémpseos* é um termo técnico, oriundo do mundo dos negócios, e é usado como metáfora para dar e receber, para crédito e débito (cf. 4,17; Fm 18-19). É como se fosse uma ‘conta’ de contribuições na qual são lançadas as entradas e as saídas (Rienecker; Rogers, 1988, p. 417), sendo que, para a comunidade, de um lado há o benefício por meio da fé (ter participação na graça e salvação por meio de Jesus Cristo) e, de outro, para Paulo, a doação material em prol do trabalho de anúncio do Evangelho.

Por fim, Paulo afirma que recebeu tudo que foi enviado pela comunidade cristã de Filipos, sem explicitar o que exatamente recebeu. Agora ele tem abundância (*perissêin*), suas necessidades foram supridas. Ele menciona Epafrodito (Cf. 2,25-30; 4,18), que foi enviado pela comunidade que enviou ajuda para suprir as necessidades de Paulo, e dele recebeu as “coisas que vieram de vós”, novamente sem especificá-las. Agradecido, caracteriza o donativo como “aroma suave, sacrificio/oferta aceitável, agradável a Deus”, e complementa: “E o meu Deus suprirá toda vossa necessidade, de acordo com a riqueza dele em glória, em/por Cristo Jesus.” (4,19). Temos, aqui, a confirmação de que essa *koinonia* que também é expressa como *leiturgia* tem a dupla conotação de ajuda solidária e de ação de graças a Deus, portanto, tem sentido social e religioso.

Façamos uma pausa para refletir sobre o jogo argumentativo tecido por Paulo, com o propósito de receber ajuda para suprir suas necessidades e continuar trabalhando em prol do Evangelho. Pode tratar-se do famoso ‘toma lá, dá cá’, em que se negocia por meio da fé tanto a ajuda e as ofertas destinadas para alguém (Paulo) ou para alguma causa (Evangelho), quanto a promessa de que a comunidade receberá em troca de Deus tudo para suprir suas próprias necessidades (presentes e futuras). Para a tecitura desse argumento, Paulo inclusive utiliza um recurso conhecido no antigo mundo de negócios, do qual – lembremos! - Paulo, Priscila, Áquila, Lídia e outras pessoas cristãs faziam parte e, portanto, conheciam: a ‘carta de débito e crédito’, o ‘livro caixa de entradas e saídas’, no qual se lançavam as contas. A linguagem econômico-comercial está presente e caracteriza uma forma de negociar algo com argumentos religio-

sos, aqui especificamente teológicos, como também ocorreu na carta a Filemon, Ápia e Árquipo¹².

Mas será que essa teia argumentativa seria ou configuraria um problema? Teria sido essa uma prática comum na Antiguidade? Nas religiões e nas filosofias do mundo greco-romano no contexto paulino, a prática da *koinonía* era comum, também no sentido do apelo religioso e da manifestação de gratidão a alguma graça alcançada (Schattenmann, 2000). Pessoas que alcançavam alguma graça da divindade retribuía em forma de doações, inscrições e objetos que eram colocados no lugar sagrado, servindo de testemunho visível para aquela ação divina (Richter Reimer, 2008/2021, pp. 18-30). Portanto, não era incomum essa prática retributivo-solidária manifesta também nessa carta do apóstolo Paulo.

Nesse sentido, em nível social e religioso pode-se compreender essa prática de ajuda solidária também em termos de reciprocidade. Contudo, penso que não se deva confundir uma ação de gratidão, que se expressa em forma de *koinonía* como ajuda solidária para suprir necessidades concretas e pontuais, com o ‘toma lá, dá cá’ de propagandas mercadológicas religiosas em nossos tempos, que resultam em acúmulo de dinheiro, manipulação político-ideológica, ganância e corrupção. O argumento de Paulo para receber essa ajuda é social e religioso, tendo por base a circunstância de necessidades e angústias que ele sofre na e por causa da prisão, bem como a salvação em Cristo por meio do anúncio do Evangelho àquela comunidade, desde os primeiros dias. E no final, beneficiada deverá ser a própria comunidade, que contará com um crédito a mais em sua ‘conta’: “Não que eu busque o donativo (dóma), mas busco o fruto que aumente a vossa conta” (4,17). Forma-se, portanto, um círculo ou uma espiral de reciprocidade.

Mas será que essa solidariedade-reciprocidade é realizada de forma voluntária ou a comunidade foi ou sentiu-se pressionada a realizá-la por causa e por meio dos argumentos de Paulo? Pode haver chantagem religiosa no argumento de Paulo, para constranger a comunidade a ajudá-lo? Não é possível afirmar isso, mas permanece como incômoda pergunta... Fato é que Paulo precisava de ajuda solidária na situação em que se encontrava, e fato também é que ele não poderia ser caracterizado como charlatão, porque quando ele não estava preso ou doente, trabalhava para seu sustento próprio¹³ (1Co 4,12; 2Ts 3,8-9), exercendo a profissão de tecelão, produtor de tendas e outros materiais manufaturados (At 18,1-3), a fim de não depender financeiramente de seus irmãos e suas irmãs na fé e de não ser um fardo para as comunidades. Aliás, Paulo aprendeu a viver de forma autossustentável ou autossuficiente, como afirma (4,11b-13):

¹² Ver artigos em RIBLA (1997); Richter Reimer (2009).

¹³ Ver 1Co 9,4-18; 1Ts 2,9; 2Co 11,7-13; 1Ts 2,5 em que Paulo aborda o conhecimento do direito salarial de pregadores, aos quais ele renunciou, também para não causar constrangimentos ou mal-entendidos.

Aprendi a viver de forma autossuficiente:

Sei viver em humildade
e sei viver em abundância.

Em tudo e em todas as circunstâncias fui instruído:

Ter fartura e ter fome,
ter abundância e sofrer carência.

Sou forte em todas as coisas naquele que me em-
podera.

O termo *autarquês* “autossuficiente” e o termo *memýnmai* “ser instruído” são usados apenas aqui no Novo Testamento. Eles fazem parte da filosofia estoica, cujo ideal ético consistia em alcançar a autossuficiência, a independência, a liberdade, buscando manter-se imune frente às condições e circunstâncias que afetam as pessoas. Essa autossuficiência e liberdade é trabalhada e adquirida pela própria pessoa, que se considera sábia, distanciando-se de tudo que pode desviá-la dessa meta (Barth, 1983, p. 89). Essa filosofia era conhecida por Paulo, e ele utiliza esse conhecimento exatamente para colocar-se contrário a ele: a sua autossuficiência e a sua liberdade não provêm dele próprio, mas de Deus que lhe dá poder para enfrentar toda e qualquer situação, e não dela se afastar! E tanto numa circunstância quanto em outra – abundância e carência -, Paulo expressa alegria e gratidão, colocando-se em comunhão com suas irmãs e irmãos na fé. Aqui vale: Não se distanciar do mundo e seus sofrimentos, mas unir-se, partilhar, receber e oferecer solidariedade para superar as situações adversas, violentas e injustas.

Concluo esse tópico, destacando que a ajuda solidária solicitada e recebida por Paulo aconteceu numa situação bem específica, em que ele sofria angústias e necessidades na prisão. Com as necessidades supridas e a angústia aliviada por meio da vivência da *koinonía* que se expressou na forma de solidariedade, ele sentiu-se revigorado e cheio de alegria. Sua esperança e seu desejo era visitar a comunidade cristã em Filipos, mas antes disso, ele próprio destacou que, mesmo na prisão, suas algemas em Cristo se tornaram conhecidas por toda a guarda pretoriana (1,13)¹⁴; também ali ele anunciava perseverantemente o Evangelho. Por causa dessa menção, entendo que, ao final, ele saúda as pessoas

¹⁴ A menção do pretório (1,13) indica para o espaço no qual Paulo se encontra. No Império Romano, esse espaço estava vinculado à casa do imperador e à residência de governadores/procuradores, essa última existia em Éfeso, Cesareia e Corinto. Nesse espaço atuava a guarda pretoriana, portanto, tem-se aí a presença de militares, muitas vezes libertos ou escravos. Também ali realizam-se os tribunais de julgamento pelos altos funcionários imperiais. É a esse espaço que Paulo se reportar em 1,13, motivo também porque se refere “a todos os demais”, que participavam do julgamento ou mesmo outros prisioneiros que ouviram o anúncio do Evangelho (Barth, 1983, p. 7; 25). Dibelius (1925, p. 55) elenca uma série de inscrições que atestam o uso desse termo para referir-se à residência imperial ou procuratorial, à guarda militar nesse espaço reservado a julgamentos nessas residências, dentro do qual também atuam serviços e subalternos, o que poderia referir aos *hói lóipoi* “os outros”, sendo que em Éfeso havia um destacamento pretoriano. Ver também Wood (1877, N. 2, p. 4 da Parte VII Apêndice – Inscrições Tumbares), que atesta a existência de militar(es) da coorte pretorial em inscrição tumbar.

santas da casa de César (4,22) como sendo essas uma parte de pessoas escravas, que faziam parte do aparato imperial romano¹⁵ e que, ouvindo o Evangelho que Paulo ardentemente anunciava também na prisão e junto ao tribunal, aderiram à fé em Jesus Cristo. É dessa forma que a *koinonía*-solidariedade atua em favor do Evangelho, em ajudas concretas, necessárias e estrategicamente viáveis para a perseverança no anúncio da Boa Nova que liberta, com base na paz que brota da justiça. Com isso, a ação solidária, também em forma de “ajuda econômica é uma verdadeira participação na missão” (Comblin, 1985, p. 26).

Além disso, a carta também apresenta outra faceta crucial para a compreensão de *koinonía*, que igualmente se manifesta como solidariedade. Trata-se da *koinonía* que não apenas crê em Cristo Jesus, mas também com ele padece (1,29), tomando Paulo como exemplo de perseverança.

***Koinonía* - participação solidária no sofrimento de Cristo Jesus**

Após apresentação e argumentação de Paulo acerca de suas situações de sofrimento e enfrentamento das adversidades como oportunidade para firmar sua fé e sua ação missionária, ele argumenta explicitamente com a fé que baseia no Evangelho anunciado, a qual requer que cada pessoa em comunidade viva de tal forma que testemunhe publicamente sua unidade (1,27). Como tal, é possível enfrentar os adversários, que se “alinham contra” o Evangelho e disseminam a perdição. Nesse enfrentamento e nessa luta, é importante reafirmar que a fé em Cristo Jesus por meio do Evangelho anunciado traz salvação, e essa salvação provém de Deus (1,28-29). Contudo, não basta crer; é preciso agir. E essa ação é apresentada como participação no sofrimento (*páschein* – 1,29), na luta (*agóna*) que a comunidade sabe que Paulo também já travou.

Esse conjunto de palavras remete a sofrimentos causados pelos poderes estabelecidos no mundo romano, a começar com a discriminação, perseguição, tortura e morte de Jesus de Nazaré. Paulo compartilha de tais sofrimentos na medida em que não se acovarda frente aos mesmos poderes político-militares, sob os quais sofre e já sofreu prisões e torturas, mas segue perseverando no anúncio e na vivência do Evangelho, também na condição de prisioneiro. Essa situação atual de sofrimento por causa do Evangelho significa, para Paulo, ter *koinonía* no sofrimento de Jesus, o Cristo (3,10). Ele conclama a comunidade para igualmente viver essa *koinonía*, para testemunhar sua fidelidade ao Senhor Jesus, salvador e doador de toda a graça. Participando dos sofrimentos de Cristo por meio da afirmação da fidelidade a ele e a ninguém mais – nenhum senhor romano; ver At 16,15 “ser fiel ao Senhor [Jesus]” -, a comunidade coloca-se em *koinonía*-solidariedade em relação à memória daquela tragédia na cruz, bem

¹⁵ Para Comblin (1985, p. 64) trata-se de “todos[as] que trabalham a serviço do Império: funcionários, soldados, escravos, libertos, assalariados etc. [...] que existiam em todas as cidades”. Ver acima, nota 13.

como em relação aos sofrimentos enfrentados atualmente por outras pessoas, não só Paulo, mas também explicitamente na própria comunidade.

Com isso, Paulo afirma e motiva o anúncio e a vivência do Evangelho de Jesus Cristo, Senhor e Salvador, o qual cresce e se expande em meio a situações de sofrimento e perseguição (1,12-13). Como um dos temas relacionados com isso também é a questão da cidadania política vinculada ao projeto de realizar sinais do Reino de Deus já aqui e agora, Paulo fala da necessidade de viver politicamente de acordo com o Evangelho de Cristo e permanecer firmes e em união para lutar pela fé conforme o Evangelho (1,27; 3,20). Nesse horizonte, o “céu” é o espaço-tempo utópico que movimenta essa vivência em fidelidade a um só Senhor, numa comunidade que participa desse projeto num só espírito e numa só alma (1,27), expressando a unidade desse corpo-*ekklesia* unido a Cristo, na graça e nos sofrimentos.

Com isso, abre-se a dimensão para a *koinonía*-solidariedade para com outras pessoas que enfrentam e sofrem tais sofrimentos, como também Jesus os sofreu. Participar dos sofrimentos de Cristo, e neles ter comunhão, é presentificar a presença de Cristo na atualidade junto com outra gente que sofre como ele e - em extensão exemplar - como Paulo. Nessa solidariedade na participação de sofrimentos oriundos do trabalho em prol do Evangelho, que se expressa ontem e hoje como graça e paz nas condições reais de nossas vidas, é possível conhecer Jesus o Cristo. E junto com esse conhecimento virá o conhecimento do poder dinâmico da ressurreição por meio da *koinonía* nos sofrimentos de Jesus (3,10). Quando Paulo utiliza o termo *dynamis* para se referir ao poder da ressurreição, ele afirma que a ressurreição não está confinada ao passado, mas que ela continua ativa em todos os tempos e lugares em que o Evangelho é anunciado com coragem e perseverança, não sucumbindo a ameaças, discriminações, perseguições e mortes. Nessa certeza, Paulo afirma a sua esperança frente à comunidade que, como ele, luta e sofre pelo Evangelho: assim é possível “tornar-me participante da morte de Cristo, para de alguma forma alcançar a ressurreição dos mortos” (3,11).

***Koinonía* e preservação da unidade: liderança de mulheres**

O tema *koinonía* está vinculado também a outro que parece ser vital na e para a comunidade: a coesão e a união entre pessoas diferentes. Não é à toa que Paulo utiliza várias vezes o termo *fronêin* (1,7; 2,2 [duas vezes]; 2,5; 3,15 [duas vezes]; 3,19; 4,2.10 [duas vezes], além do termo composto *tapeinofrosyne* 2,3). Trata-se de manter-se firme e fiel a um mesmo propósito, no caso, a vivência da fé em Cristo Jesus, presente por meio do Evangelho anunciado. Para tal, é importante unir-se em torno do conhecimento do Evangelho, pensando na mesma direção, em humildade e sabedoria, tendo consciência de que pela fé em Cristo, a comunidade de pessoas diferentes em suas origens torna-se espaço e realidade

de pessoas igualladas e irmanadas no corpo uno que é Cristo. Pensar em direções paralelas ou opostas torna-se uma fagulha para divisão, dissensão e separação desse corpo-Cristo-comunidade.

É fundamental perceber que também esse termo, junto com *koinonía*, perpassa a carta. Contudo, há apenas um lugar específico em que pessoas específicas são nomeadas junto ao uso que Paulo faz desse termo. Trata-se das mulheres Evódia e Síntique (4,2-3). As obras consultadas afirmam tratar-se de um conflito de liderança entre as duas mulheres. Da forma como isso é colocado, parece que se tratar de rivalidade entre mulheres. A meu ver, isso sem dúvida configuraria uma escrita e abordagem paulinas e uma interpretação marcada por preconceitos patriarcais: texto e interpretação teriam marcas androcêntricas no sentido de que mulheres figurariam como dispositivo que poderia alavancar uma dissensão, uma divisão intracomunitária, colocar em risco a união, e que elas, assim, poderiam estar subsumidas ao termo “adversários” (1,28). Isso, contudo, não é o caso, visto que ali trata-se de intervenção externa, que pode ter repercussão intracomunitária, mas não se trata de influência na elaboração do conhecimento, do trabalho mental-intelectual, como refere o termo *fronéin*.

Como entendo os enunciados em 4,2-3 em vista de uma comunhão-solidariedade madura, plena e inteligente: Paulo pede às mulheres Evódia e Síntique para que se mantenham unidas no mesmo projeto que tem o Senhor Jesus Cristo como centro e alvo. Ele não diz que elas não estão unidas. O fato de elas participarem unidas nesse propósito é testemunho de sua fé e testemunho do Evangelho. Em nenhum momento Paulo está dizendo que elas estão divididas, trabalhando em frentes opostas e, com isso, causando distúrbios e desunião na comunidade. Como o fez várias vezes com a comunidade como um todo, aqui o faz especificamente em relação às duas mulheres líderes, como sendo elas exemplares e colunas da fé e do testemunho que tem o Evangelho, presença viva de Cristo Jesus, como a origem e o alvo de sua atuação. Entendo que, devido às discriminações e perigos existentes no contexto daquela colônia romana, a comunidade e especificamente Evódia e Síntique, como líderes exemplares, podem ser ameaçadas e coagidas a desistir da fé e da fidelidade ao Senhor (cf. At 16,15). Nesse sentido, Paulo, com seu pedido, as encoraja para não desistirem, para manterem mente e alma concentradas no trabalho do Evangelho, unidas no Senhor.

O que Paulo pede humildemente – ele não ordena! – é que Evódia e Síntique mantenham a unidade em torno do Evangelho de Jesus Cristo na comunidade, por meio de uma mente ativa, com pensamentos que conduzem ao pleno conhecimento da graça e da paz que provêm de Deus por meio de Cristo. Ele não pede que elas se orientem por ele e suas palavras; ele também não pede que ambas pensem tudo igual, façam tudo igual. O que ele pede é que elas continuem trabalhando conjuntamente em vistas da unidade possibilitada pelo Espírito de Jesus Cristo e em Cristo (1,19; 2,1). Ele pede que elas mantenham

a orientação, o conhecimento e a sabedoria “no Senhor”, portanto, que elas preservem corações e mentes unidos na vivência atual do Evangelho solidário de Jesus Cristo (Légasse, 1984, p. 23), que elas se mantenham unidas, que elas trabalhem unidas pela união-unidade comunitária. E que tudo seja feito em humildade e com alegria, não para realização própria, mas como ação de graça a Deus (4,6). Em suma: lembremos que o termo *fronêin* perpassa toda a carta, dirigindo-se à comunidade toda, e remete a um refletir criterioso em torno e por causa de um projeto comum, que tem por objetivo e centro o Evangelho de Cristo, anunciado e vivido em comunidade como testemunho vivo e fiel num mundo que é hostil ao Reino de Deus. Aliás, por causa dessa fidelidade testimonial no passado e no presente é que também a comunidade sofre como Paulo também sofreu, o que é uma alusão a perseguição, tortura e prisão (1,29-30; 1Ts 2,2; At 16,19ss).

Em 4,3, Paulo apresenta o motivo de seu pedido explícito a Evódia e Síntique: elas são lideranças que lutaram junto com ele “no Evangelho”, isto é, anunciaram e viveram, fizeram missão com base no Evangelho de Jesus Cristo, contribuindo assim com a construção e preservação da comunidade. O termo *synathlêin* é termo técnico, no Novo Testamento usado apenas em Fp 1,27 e 4,3, e corresponde ao termo *synagonídzesthai*, usado apenas em Rm 15,30. Na carta, ambos são verbos compostos por meio da preposição *syn* “junto com” – o que mais uma vez remete para trabalho conjunto! - e sua raiz alude aos campos de luta e atletismo¹⁶ existentes no mundo imperial, que publicamente causam sofrimentos, esgotamento, depressão e morte. Portanto, Evódia e Síntique atuaram e atuam publicamente e em conjunto com outras pessoas na missão. Essa sua menção testifica que mulheres não estavam restritas ao espaço privado, como comumente ainda se quer e se ensina em igrejas e cursos de Teologia. Evódia e Síntique igualmente se expuseram a riscos de tortura e morte, assim como Paulo e outras companheiras e companheiros. Se elas tanto trabalharam junto com Paulo, Clemente e outras colaboradoras e colaboradores, elas certamente também resistiram aos perigos e aos sofrimentos, perseverando na fé evangélica (1,27). E é bom destacar mais um detalhe: Paulo se dirige a cada uma, não às duas em conjunto. “Peço a Evódia e peço a Síntique”, verbo repetido para cada uma delas, destacando a importância de cada uma no trabalho pelo Evangelho naquela comunidade.

Desta forma, o que Paulo registra é exatamente a liderança e a importância crucial de Evódia e Síntique na construção e preservação do trabalho

¹⁶ O verbo *athlêin* “lutar em jogos públicos” é usado apenas em 2Tim 2,5 e *áthlesis*, em Hb 10,32, remetendo a lutas e sofrimentos enfrentados por causa da fé em Cristo. *Agôn* “luta, combate em esfera pública” (1,30; cf. 1Ts 2,2; Cl 2,1; 1Tim 6,12; Hb 12,1 – todas menções em cartas da tradição paulina) e *agonídzesthai* “lutar, combater” é usado também nos evangelhos (Lc 13,24 – Jesus explicitando a dificuldade de entrar no Reino de Deus; Jo 18,36 – Jesus em defesa do Reino de Deus), e bem mais nas cartas (1Co 9,25; Cl 1,29; 4,12; 1Tim 4,10; 6,12; 2Tim 4,7), para explicitar sofrimentos infligidos às pessoas que lutam pelo Evangelho, no anúncio da paz e da justiça.

evangélico em Filipos. Não há repreensão nem constatação de infidelidade ou brigas entre elas. Elas não são adversárias!¹⁷ Atuam em conjunto, e o que Paulo pede é que elas mantenham a união na luta pelo Evangelho, assim como também pede para toda a comunidade. Ao contrário do uso generalizado do termo, aqui Paulo destaca Evódia e Síntique como ‘colunas’ da comunidade cristã em Filipos. E seu pedido é argumentado com um refrão que igualmente perpassa a carta: a união entre ambas deve fundamentar-se e ancorar-se “no Senhor” (1,14; 2,19.24; 3,1; 4,1.2.4.10). Isto significa que toda a comunidade, inclusive Paulo, Evódia e Síntique, é conclamada a realizar todas as suas ações, expressando nelas e com elas os seus sentimentos, mentalidades, valores e condutas assentadas e motivadas no Evangelho do Senhor Jesus Cristo.

E mais: nesse contexto, Paulo dirige outro pedido, endereçado a um membro daquele corpo-comunidade, “fiel companheiro/companheira de carga”¹⁸ (*sydzygos*). O que ele pede é companheirismo em relação a Evódia e Síntique, que ele/ela coopere (*syllambánesthai*) com ambas, de forma compreensiva para com seus muitos trabalhos em prol do Evangelho. Não se trata de resolver um caso específico, nem de colocar-se acima das duas mulheres, mas de juntar-se a elas “no Senhor” para continuar vivenciando o Evangelho. Assim como elas atuaram com coragem junto com Paulo, Clemente e outras irmãs e irmãos – cujos nomes encontram-se no ‘livro da vida’¹⁹-, que colaboravam no trabalho missionário, assim essa pessoa está sendo solicitada agora a cooperar com elas, Evódia e Síntique!

Por fim, se de fato considerarmos que 4,2-7 faz parte de uma segunda carta (1,1-3,1a; 4,2-7.21-23), então é preciso admitir que essas mulheres não são mencionadas na parte que trata das rivalidades e concorrências, tendências controversas intracomunitárias (Carta C: 3,1b-4,1.8-9). Ao contrário, elas fazem parte da ‘carta B’, em que “adversários”²⁰ são localizados nas estruturas

¹⁷ Geralmente os comentários interpretam 4,2-3 no sentido de competição, discórdias, dissensão, ruptura etc. entre ambas, o que estaria prejudicando a comunidade. Há também tentativas de identificar Evódia com Lídia (At 16), tentativa essa que fortemente rejeito, não só porque não é o mesmo nome, nem a raiz grega é a mesma, mas porque com isso, exegetas e teólogos, além de incitar o imaginário patriarcal de que mulheres causam confusão e contendas, também reduzem o número de mulheres líderes e construtoras de comunidades!

¹⁸ O termo *sydzygos* é usado apenas aqui no Novo Testamento. Ele significa estar unido/unida a alguém sob a mesma ‘canga’, portanto, é linguagem oriunda do mundo do trabalho rural com animais. Aqui ele sempre é traduzido por “companheiro”, mas também pode ser traduzido no feminino “companheira”, “esposa”, e para este uso Dibelius (1925, p. 73) remete a alguns documentos do mundo antigo, inclusive um contrato de casamento. Há exegetas que opinam que Paulo estaria se referindo a sua esposa, que ele teria deixado em Filipos (BARTH, 1983, p. 81). Não é possível saber a quem explicitamente Paulo se dirige, se companheiro, esposa a algum Sizio, mas fato é que o termo remete a uma imagem de união de duas pessoas que carregam e dividem os mesmos fardos.

¹⁹ Essa afirmação remete à escatologia paulina, também expressa em Fp 1,6; 2,16 como “Dia de Jesus Cristo”. O ‘livro da vida’ faz parte do imaginário judaico e cristão (Ex 32,32; Sl 69,28; Dn 12,1; Enoque Et. 47,3; Jubileus 19,9; Lc 10,20; Hb 12,23; Ap 3,5; 20,12).

²⁰ Penso que não se trata de “falsos missionários”, como entende Comblin (1985, p. 37). Barth (1983, p. 40), Légase (1984) e Dibelius (1925, p. 59) nada explicitam acerca desses adversários. O termo *antikeimai* “estar em oposição”, “ser adversário/a”, também usado em 1Co 16,9; Lc 13,17 (autoridades judaicas); 21,15

imperiais romanas, que ameaçam a sobrevivência da comunidade, como já experienciado nos inícios em Filipos (At 16,19ss). Elas não são adversárias do Evangelho! Justamente por isso, Paulo pede que as duas mulheres, principais líderes dessa comunidade – talvez sejam presbíteras, diáconas (1,2) -, preservem a união comunitária “no Senhor”, por causa do Evangelho de Cristo.

Não tenho dúvida, finalmente, que Evódia e Síntique, junto com outras mulheres e homens daquela igreja que se reunia em casa(s) em Filipos (1,2; At 16,15), foram centrais na práxis da comunhão-solidariedade para com o Evangelho, que também se expressou como ajuda pontual e necessária para Paulo, na prisão em Éfeso e já anteriormente em outras situações. Manter a comunidade unida no Senhor é fundamental para que a comunidade possa desenvolver ações e projetos solidários, a fim de que não venha a depender de ‘ajudas’ externas, que podem tornar uma igreja refém de outros interesses.

Conclusão

A pesquisa realizada tomou por objeto a carta de Paulo à comunidade cristã em Filipos, especificamente a partir das menções e situações que tratam do tema comunhão-*koinonía*. O desafio estava em perceber a possibilidade de entender esse termo como solidariedade. Para tal, fiz o levantamento do termo grego, observando outros termos próximos a ele, que pudessem dar suporte a essa hipótese. Trabalhei com o texto grego e busquei compreender os termos específicos em seu contexto sócio literário. Busquei auxílio em alguns comentários e obras que pudessem contribuir para essa análise.

Os principais resultados obtidos, que aqui merecem destaque, são que o termo pode ser entendido como solidariedade no contexto da ação evangélica da comunidade cristã em Filipos para socorrer Paulo em suas necessidades e sofrimentos enfrentados por causa de sua prisão em Éfeso. Essa *koinonía*-solidariedade também se expressa como cooperação entre membros da comunidade. Vejamos:

O termo *koinonía* perpassa toda a carta, no sentido de comunhão com Deus em Cristo e no dinâmico poder do Espírito, e o espaço-tempo da manifestação dessa comunhão plena é a comunidade, formada por pessoas iguais por meio da graça de Deus, a qual opera a fé. Centro e alvo da *koinonía* é o Evangelho, que chama para a vivência da fé como participação e cooperação comunitária. Ela é realizada na paradoxal relação de unidade na diversidade, a fim de amenizar comunitariamente necessidades e sofrimentos de outras pessoas. Como corpo de Cristo, a comunidade vive e testemunha profunda relação de pertencimento e coesão identitária por meio dessa comunhão plena, manifestada como ações de graça que hoje se entende como solidariedade.

no contexto (autoridades romanas); 2Ts 2,4; 1Tim 5,14 refere-se a adversários externos, que ameaçam a unidade do corpo-comunidade de Cristo.

Essa *koinonía*-solidariedade é ação comunitária em favor do Evangelho, no sentido de amparar e socorrer pessoas que, por causa do anúncio evangélico, se encontram em situação de discriminação, perseguição, tortura, prisão, doença e ameaça de morte. Esse suporte solidário possibilita que o Evangelho possa continuar vivo, anunciado e vivido. Por meio dessa comunhão concreta, que tem sentido social e religioso, quem recebe essa ajuda solidária pode resistir, persistir e encher-se de alegria em meio ao sofrimento, tecendo novas maneiras de reexistir, para glória e louvor de Deus. A graça recebida se torna ação de graça em benefício do Evangelho, e solidariedade pode, assim, ser compreendida como reciprocidade.

As manifestações de cooperação e suporte solidários são expressão da fé em Cristo, que sofreu até a morte de cruz, tornando-se a salvação de Deus para quem crê. Contudo não basta crer, mas também ter *koinonía* no sofrimento de Jesus, a fim de conhecer Jesus e o poder dinâmico da ressurreição. Essa *koinonía*-participação nos sofrimentos de Jesus se expressa como fidelidade em relação ao Senhor Jesus e como solidariedade para com pessoas que passam por situações semelhantes. A memória da tragédia da cruz de Jesus fortalece a comunidade para realizar ações de graça e, assim, Jesus estará presente no hoje de milhares de pessoas que sofrem. A ressurreição não fica confinada àquele passado trágico, mas é presença dinâmica e alentadora em meio às tragédias na atualidade, por meio de ações solidárias.

A *koinonía* como preservação da unidade na diversidade também é expressa por Paulo como uma forma de solidariedade intracomunitária, que simultaneamente é testemunho público de coesão em torno de um objetivo comum. A comunidade toda é conclamada a concentrar suas mentes e corações em torno do centro que perpassa a carta, o Evangelho de Jesus Cristo e seus sinais do Reino de Deus entre nós. Aqui, ele menciona Evódia e Síntique, duas mulheres líderes na comunidade, às quais pede que mantenham e preservem a união-unidade na comunidade, orientando o saber e o fazer “no Senhor”, isto é, que preservem corações e mentes unidos na vivência e comunhão em favor do Evangelho solidário de Jesus Cristo. Elas não são adversárias do Evangelho nem são adversárias uma da outra, mas são líderes que exercem função pastoral, intelectual e estratégica. Foram elas que, junto com Paulo, Clemente e outras mulheres e homens, lutaram corajosamente pelo Evangelho desde os inícios. Agora é preciso manter a unidade na diversidade da comunidade, e farão isso como líderes exemplares e colunas da fé e do testemunho que têm o Evangelho, presença viva de Cristo Jesus, como a origem e o alvo de sua atuação. Esse é um trabalho árduo, e Paulo pede que ‘Sízigo’ coopere com ambas, a fim de que elas possam realizar suas funções, sustentadas pelo apoio solidário.

Ao final, permanece a necessidade de considerar se essa *koinonía*-solidariedade pode se estender a pessoas que não fazem parte da comunhão eclesial. Remeto a outra carta de Paulo, em que ele também trata da ajuda mútua e da re-

ciprocidade, a fim de aliviar as cargas e amainar sofrimentos. Trata-se de Gálatas 6,1-10, em que também a comunhão está na pauta (6,6), a qual se expressa por meio de fazer o bem (6,9-10). Aqui Paulo destaca: quem crê não se canse de fazer o bem, e que nessa ação testimonial se faça o bem a todas as pessoas, mas muito mais em relação às pessoas que pertencem à mesma família de fé. Não há dúvida que para Paulo se deva olhar primeiro para dentro da própria casa-igreja e auxiliar com ternura e cuidado as pessoas mais necessitadas. Contudo, a ajuda solidária se dirige a toda e qualquer pessoa em situação de vulnerabilidade, de perto e de longe. Aqui, “fazer o bem” é expresso com um verbo que significa trabalhar arduamente, o que se aproxima de Fp 2,1-4, em que amor, comunhão, afetos e misericórdia se colocam a serviço do bem-estar comum.

É nesse espírito solidário e humanitário que ultrapassa fronteiras e religiões que podemos entender ações de ajuda como as do MST, mencionadas no início desse artigo. Tais manifestações solidárias não necessariamente estão vinculadas à fé cristã, mas são exemplares para pessoas e comunidades cristãs que não trabalham unidas para superação de situações de sofrimento, violências e vulnerabilidades.

Referências

- Barth, G. (1983). *A Carta aos Filipenses*. Tradução: Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal.
- Comblin, J. (1985). *Epístola aos Filipenses*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal.
- Crüsemann, M. y Richter Reimer, I. (2016). *Igrejas Domésticas. Caminhos*, Goiânia, V. 14, No. 1, pp. 179-190. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/4835>; <https://doi.org/10.18224/cam.v14i1.4835>. Acesso: 30 jan 2024.
- Dibelius, M. (1925). *An die Thessalonicher I, II und an die Philipper*. 2.Aufl. Tübingen: J.C.B.Mohr (Paul Siebeck).
- Hess, K. (2000). *Servir; Servo*. In: Brown, Colin; Coenen, Lothar (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2.ed. Tradução: Gornon Shown. São Paulo: Vida Nova, pp. 2348-2350.
- Légasse, S. (1984). *A Epístola aos Filipenses e a Epístola a Filemon*. São Paulo: Paulinas.
- Maloney, L. y Richter Reimer, I. (2022). *Acts of the Apostles*. Collegeville, Minnesota: Liturgical Press. Series: Wisdom Commentary, Vol. 45.
- Nestle-Aland (2013). *Novum Testamentum Graece*. 28.rev.Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft.
- Reimer, H. y Richter Reimer, I. (2011). *Cuidado com as pessoas empobrecidas na tradição bíblica*. Estudos de Religião, São Bernardo do Campo/SP, V.

- 25, No. 40, pp. 181-197. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v25n40p181-197> Acesso: 30jan2024.
- Richter Reimer, I. (2023). *Ecofeminist Spiritualities in Context of Social and Pandemic Crises: Sustainability and Shared Care*. International Journal of Latin American Religions, V. 7, No. 1, pp. 78-99. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s41603-023-00201-0.pdf?pdf=core>
- Richter Reimer, I. (2022). *Lídia de Tiatira: Líder Profissional e Religiosa: um estudo de Atos dos Apóstolos 16,11-16a.40*. In: SILVA, Roberta Alexandrina da; FUNARI, Pedro Paulo Abreu; CARLAN, Cláudio Umpierre (orgs.). Mulheres no Cristianismo Primitivo: poderosas e inspiradoras. São Paulo: Fonte Editorial; Paulus, pp. 77-108.
- Richter Reimer, I. (2016). *Santa Praxedes: uma jovem com funções eclesiais e sociais em Roma*. Goiânia: Ed.da PUC Goiás.
- Richter Reimer, I. (2009). *Carta a Filemón, Apia y Arquipo: Comunión en el amor y eficacia de la fe*. RIBLA, Quito, V. 62, No. 1, pp. 50-64, 2009. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/62.pdf> Acesso: 02 fev. 2024.
- Richter Reimer, I. (2008). *Milagre das Mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. Goiânia: Ed. da UCG; São Leopoldo: Oikos. 2da. versão em e-book gratuito (2021). Disponível em: <http://oikoseditora.com.br/obra/index/id/1116>.
- Richter Reimer, I. (1989). *Reconstruir historia de mujeres. Reconsideraciones sobre el trabajo y estatus de Lidia en Hechos 16*. Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana, Quito, V. 4, 2.ed. (2001), pp. 37-40. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/4.pdf>
- Richter Reimer, I.; Reimer, H. (2022). *A sinagoga das mulheres: Análise Histórico-Crítica Feminista de Atos 16,11-15.40*. Teoliterária: Revista Brasileira de Literaturas e Teologias, V. 12, No. 22, pp. 252-288. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2022v26p252-288>. Acesso: 30 jan. 2024.
- Rienecker, F. y Rogers, C. (1988). *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. Tradução: Gordon Chown; Júlio Paulo T.Zabatiero. São Paulo: Vida Nova.
- Schattenmann, J. (2000). *Koinonía*. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. 2.ed. Tradução: Gornon Shown. São Paulo: Vida Nova, pp. 377-381.

- Schottroff, L. (2008). *A Caminho para uma Reconstrução Feminista da História do Cristianismo Primitivo*. In: SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese Femista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. Tradução: Monica Ottermann. São Leopoldo: Sinodal/CEBI; São Paulo: ÀSTE, pp.161-225.
- Stegemann, E.W.; Stegemann, W. (2004). *História Social do Protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. Tradução: Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus.
- UOL São Paulo. MST envia 2 toneladas de alimentos a palestinos em avião da FAB. 30/10/2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2023/10/30/doacao-alimentos-mst-palestinos.htm>. Acesso: 14 fev. 2024.
- Varios Autores (1997). *Hermenéuticas y Exégesis a propósito de la carta a Filemón*. RIBLA, Quito, V. 28. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/28.pdf> Acesso: 30jan2024.
- Wood, J.T. (1877). *Discoveries in Ephesus*. London: Longmans Green & Co.